



# NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

**BRUSQUE -** ONTEM E HOJE



ANO IX

Nº 34

EDIÇÃO DA  
SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

# **Sociedade Amigos de Brusque**

Fundada a 4 de agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual n.º 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal n.º 73 de 9 de março de 1954

CGC 83.721.639/0001-93

**Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal 27**

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

**Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM**

---

**Notícias de "Vicente Só"**

**BRUSQUE - ONTEM E HOJE**

**Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim**

Registrada sob n.º 02 no Livro de Registros de Pessoas

Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicada trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

**Direção: Ayres Gevaerd**

---

Composta e impressa na Gráfica do Vale - Blumenau - SC.

# NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

## BRUSQUE-ONTEM E HOJE

Ano IX

Abril, Maio e Junho de 1985

Nº 34

### Sumário

1 — A Sociedade dos Atiradores de Brusque .....	384
2 — Hino do Clube de Caça e Tiro Araújo Brusque .....	387
3 — Comunidade Evangélica Luterana de Brusque .....	388
4 — Ponte VIDAL RAMOS .....	391
5 — Reminiscências — Conclusão .....	393
6 — Documentos da administração Barão Maximiliano de ... Schnéeburg referentes a Setembro de 1865 .....	399

**CAPA:** Gentileza de Wolfgang L. Rau.

**Clichê:** Sócios ativos da Sociedade dos Atiradores devidamente uniformizados - 1912.

## **A SOCIEDADE DOS ATIRADORES DE BRUSQUE**

**Relato histórico feito por OTTO GRUBER, por ocasião do 50º da Sociedade, publicado em folheto nas oficinas do jornal "Brusquer Zeitung" em 1916. Tradução de Albert Genrich.**

Em todas as regiões nas quais os alemães se estabeleceram em maior número, notamos também uma pronunciada vida social. É, muitas vezes, motivo de gracejo o fato de que onde três alemães se reúnem, imediatamente deve ser fundada uma Sociedade. Embora julgando cepticamente a criação destas novas Sociedades, uma coisa, porém, não podemos contestar: Que justamente estas sociedades alemães no estrangeiro são os mais importantes fatores para o trato e conservação da língua e dos costumes alemães. Elas são, em certo sentido, documentos culturais, vindo em primeira linha as Sociedades de Canto, Ginástica e de Caça e Tiro. Cada uma das citadas sociedades muito fez pela disseminação da cultura alemã, pois, por meio da atividade, canto e pela palavra, conservaram no povo os costumes e os ideais, os quais nossos poetas e filósofos nos legaram, preservando-nos contra o materialismo dos tempos atuais.

É, para nós, motivo de satisfação quando à noite nos reunimos para ouvir nossos lindos cantos folclóricos. Eles nos fazem lembrar nossa juventude, nosso lar paterno e nossa Pátria. Quem, após um longo dia de labuta, à noite chega em casa fatigado e, ainda assim, por meio do canto ou por exercícios de ginástica, procura um lenitivo para as suas forças, ambiciona ideais e acha a si mesmo.

De todas as Sociedades, foram as Sociedades de Caça e Tiro que maior proveito trouxeram e, já nos tempos antigos, tiveram grande significação.

Atualmente são os povos germânicos que praticam em grande escala o esporte do tiro. Em todos os lugares nos quais alemães, austríacos e suíços se estabeleceram, em primeiro plano foi fundada uma Sociedade de Caça e Tiro. Assim também aconteceu em Brusque, pois a primeira sociedade a ser fundada foi a de Caça e Tiro (Atiradores).

A Sociedade dos Atiradores foi fundada em 14 de julho de 1866 pelos seguintes doze sócios fundadores: Carl Marschner, G.A. Thieme (o único membro que permaneceu como sócio até a sua morte), Peter Heil, Wilhelm Wandrey, Peter Josef Werner, Philip Krieger, Barão von Schneeberg, C.F. Schwarten, L. Spengler, W. Kühne, Ferdinand Jönk e Theodor Deeke. A primeira eleição da Diretoria realizou-se na casa do Sr. W. Wandrey, com o seguinte resultado: Presidente Carl Marschner, Secretário G.A. Thieme, Tesoureiro Theodor Deeke. Algumas semanas após, a 21 de setembro do mesmo ano, foi providenciada a aquisição de um alvo de ferro fundido, bem como a construção de um rancho de 20 palmos em quadrado, um Stand de Tiro, assim como várias mesas e bancos. Mais tarde foi construído um depósito para a guarda e conservação de diversos utensílios de tiro, sendo que, para a construção dos mesmos, foram encarregados os Srs. L. Spengler e Bretzke.

No 2.º dia de Páscoa de 1867 foi celebrada a primeira festa de Tiro do Rei, sagrando-se o Sr. Theodor Deeke como o 1.º Rei da Sociedade. No ano de 1968 foi acrescentado aos festejos de Tiro ao Rei mais um de Tiro ao Alvo. À noite os atiradores se reuniam na casa do Sr. Beckelmann, onde se dançava e cantava. Nestas ocasiões, Cupido, aproveitando-se destes locais mal iluminados, geralmente atirava as suas setas, que também atingiam o seu alvo. As damas, naquela ocasião, pagavam um ingresso no valor de 800Rs.

As primeiras funções de capitão foram ocupadas pelo Sr. Guido von Seckendorf, que também introduziu as primeiras regras de tiro.

O distintivo do Comité compunha-se, naquele tempo, de uma roseta nas cores preto, branco e vermelho. O distintivo do Rei compunha-se de uma roseta nas cores verde e amarelo, entrelaçados com as cores preto, branco e vermelho. Como primeiro marcador do alvo foi nomeado o Sr. Antonio Schwarz.

Em dezembro de 1867 a Sociedade adquiriu um terreno de 3.900 braças, correspondendo a 18.876 metros quadrados. O preço por braça naquela época foi estipulado em 1/2 real. No ano seguinte (1868) foi projetada a construção de uma Sede Social, sendo que os fundos necessários para tal empreendimento, foram levantados com a emissão de ações sem juros, pelos próprios associados, e a importância faltante foi levantada por meio de um empréstimo. Para a instalação do 1.º alvo móvel, o Sr. Pedro Heil forneceu o competente palhaço, o qual recebeu, no livro de atas, o nome de "Napoleão Junior". A contribuição anual, naquela época, era de 5 mil réis. No ano de 1868 consagraram-se reis os Srs. Asseburg e Deeke. No ano de 1869 a contribuição anual foi elevada para 10 mil réis. Em abril de 1870, além do Tiro ao Rei, foi instituído o tiro ao pássaro. Naquela época, o marcador do alvo percebia uma verba anual de 10\$000, sendo que ainda tinha direito ao chumbo das balas que porventura conseguisse encontrar.

Em 15 de janeiro de 1871 foi eleito o Sr. Friedrich Orthmann como Capitão de Tiro. A sede social, naquela ocasião, era iluminada por velas de estearina, sendo o ecônomo abonado em 10\$000 para este fim.

Em 1872 a contribuição anual foi aumentada para 15\$000. O engenheiro Arnoldi, que estava construindo a estrada de Brusque para Itajaí, antes de seu retorno à Europa, presenteou a Sociedade com uma bela cabeça de cervo.

Do ano de 1876 em diante a marcha dos atiradores iniciava-se no Hotel do Imperador, partindo com destino à Sede Social. No mesmo ano foram vendidos, do terreno da Sociedade, 20 lotes para a construção de casas, ao preço total de Rs4:381\$000.

No ano de 1877 foi construído um novo salão de danças, com '68 palmos de largura e 50 palmos de comprimento, ao qual foi anexado um palco para representações teatrais.

Os Estatutos da Sociedade foram registrados em 12 de julho de 1878, sendo então Presidente da Província de S. Catarina o Sr. Lourenço de Albuquerque.

Em 1879 o Tiro ao Pássaro foi substituído pelo Tiro ao Javalí. Os distintivos foram várias vezes confeccionados pelo prof.º Sr. E.F. Geithner.

Um novo alvo de ferro foi inaugurado no dia 11 de janeiro de 1875.

Por ocasião dos festejos do 25.º aniversário de fundação, constituíram a diretoria os seguintes membros: Presidente: Nicolaus Gracher; Vice-Presidente: Johann Bauer; secretário: Wilhelm Strecker e capitão Fritz Orthmann.

A cancha de bolão foi entregue à Sociedade em 1892, feita por Adolfo Bruns.

A bandeira da Sociedade, para cuja aquisição muito se empenhou o Sr. Max Koehler, foi entregue à Sociedade no ano de 1908, pela Fábrica de Bandeiras de Bonn, Alemanha, ao preço de 450 Marcos, sendo inaugurada festivamente em 15 de novembro de 1908.

No ano de 1896 o comando foi assumido pelo Sr. Scheurich, sendo que o mesmo o passou em 1898, definitivamente, para o Sr. Wilhelm Strecker, o qual o conservou até o ano de 1910. Daí em diante foi assumido pelo Sr. Otto Gruber.

No ano de 1910 foi combinada a confecção de um uniforme, sendo que em 4 de agosto de 1911 teve lugar a primeira marcha com atiradores uniformizados. Algumas semanas após, teve lugar uma excursão para Itajaí. Desde 1911 foram instituídos regularmente exercícios de marcha e de tiro.

Que esta Sociedade continue a se desenvolver como se tem desenvolvido até agora; que cada associado se esforce para manter bem alta a união e a disciplina; que as reais virtudes, a coragem e o orgulho continuem conservando o seu antigo tom; que a semente que os nossos fundadores lançaram continue a produzir bons frutos; então a Sociedade poderá, nos 25 anos seguintes, plantar mais um marco na história de Brusque, com reais proveitos para todos e do Município.

**NOTA: - Situação dos fundadores da Sociedade na vida comunitária que então se iniciava em Brusque:**

Barão Maximiliano de Schneeberg - Diretor da Colônia  
Carlos Marchner e Germano A. Thieme - Agrimensores.  
Guilherme Wandrey, Felipe Krieger, C.F. Schwarten, Luiz Spengler, W. Kuehne, Ferdinando Joenck e Peter Heil - Lavradores.  
Pedro J. Werner - Precursor no Vale do Itajaí Mirim, proprietário de grandes terras, engenhos de farinha e madeira.  
Teodoro Deeke, originário de Blumenau, com terras em Limeira.

## HINO DO CLUBE DE CAÇA E TIRO "ARAÚJO BRUSQUE"

(Esther Laus Bayer, grata,  
com cumprimentos à Comissão).

Ao nascer deste hino neste dia  
que representa gestos do passado,  
nossa música é buquê de alegria,  
nossos versos de flôres um punhado.  
Felizmente! gratidão foi plantada  
na gleba rica do nosso coração,  
e já viceja, bem aconchegada,  
a esta gente do brusquense rincão.

### ESTRIBILHO

Batamos palmas, agora,  
com muito, muito barulho!  
Araujo Brusque de outrora  
desta Terra é grande orgulho.

Cantemos juntos, com almas felizes,  
— Caça e Tiro tradição que perdura!  
no Centenário de quentes matizes  
da implantação da social estrutura.  
Que nossa Brusque, de vales floridos,  
de rio cantante, de labor veloz  
venha sorrindo — encantos reunidos,  
cantar conosco, ao som da nossa voz.

### ESTRIBILHO

Batamos palmas .....

Sejamos fortes, coesos, constantes,  
sempre irmanados, também na euforia,  
pois já pra nós nosso velho imigrante  
em "Schuetzen-Verein" sua norma trazia!  
Recreio salutar, é indispensável;  
atire e acerte! apenas por brincar...  
e dance e cante e seja feliz e amável,  
veja a vida, otimista, a nos fitar.

### ESTRIBILHO

Batamos palmas .....

Tuas vitórias e teus feitos brilhantes  
nos induzem a futuras batalhas;  
são estímulos perenes, incessantes,  
são coloridas, formosas muralhas.  
Salve, salve! nosso clube altaneiro!  
— "Pioneiro de tiro ao alvo no Brasil" —  
e... viva Brusque, seu povo, seu roteiro  
de alvo certo no trabalho viril.

Itajaí, 21-6-1966.

## **Coleção das decisões tomadas pela Diretoria e Conselho, entre 1920 e 1933, destinada aos Membros da Comunidade Evangélica Luterana de Brusque**

por **Guilherme Strecker**

### **Nota: Original em língua alemã**

Sendo o original impresso no idioma alemão, traduzimos literalmente o conteúdo desta pequena separata com o título acima aludido. Muitas destas decisões já deixaram de existir, mas vale o registro das mesmas como parte integrante da História da Comunidade.

Abaixo apresentaremos os tópicos enfocados, devendo cada um merecer comentário especial por parte do leitor.

#### **1. Contribuições mensais dos membros:**

Na reunião do Conselho em 21 de março de 1920 decidiu-se alertar todos os membros da Comunidade atrasados em 2 anos com o respectivo pagamento.

Já em 16 de dezembro de 1928, reunido o Conselho, êste deliberou que no futuro, as contribuições serão cobradas pelos conselheiros nos respectivos distritos, durante os 3 primeiros meses do ano. O Boletim da Comunidade divulgará a finalização das cobranças.

A Assembléia Geral Ordinária de 15 de março de 1931, resolveu não reconhecer como membros aqueles que não liquidassem os seus débitos até o fim daquele ano. Esta atitude foi prorrogada, na reunião do Conselho de 23 de outubro de 1932, para 31 de dezembro de 1932.

Durante a Assembléia Geral de 19 de fevereiro de 1933, ao tesoureiro apresentou a lista dos membros devedores, cujo total na época oscilava em torno dos 2:000\$000 réis. O presidente propôs como última data o 1.º de abril de 1933, para todos pagarem. Os conselheiros se prontificaram para cobrarem pessoalmente as dívidas nos seus distritos.

#### **2. Aulas de Confirmação.**

Foi determinado em reunião da diretoria do dia 16 de janeiro de 1928, aceitarem somente crianças que até 31 de dezembro do ano da Confirmação, completarem os 14 anos.

Reunida a diretoria em 15 de maio de 1928, decidiu-se obrigar as crianças a frequentar, pelo menos, 3 anos de aulas de Confirmação e de Religião.

O Conselho, reunido em 9 de fevereiro de 1930, fixou em 2 anos a duração das aulas de Confirmação, iniciando com o 13.º ano de vida da criança. Esta, quando da matrícula, scuber ler fluentemente e ter frequentado ao menos 2 anos de aulas de Religião, teria então apenas um ano de aulas de Confirmação.



### 3. A Confirmação

Por resolução do Conselho da Comunidade, de 25 de outubro de 1931, decidiu-se homologar o antigo costume, isto é, fixar para o último domingo do mês de julho a Confirmação das crianças.

### 4. Emolumentos.

Reunidos os conselheiros no dia 29 de agosto de 1926, concordaram que os atuais emolumentos estão muito baixos e decidiram elaborar novas taxas a vigorar a partir de 1.º de janeiro de 1927: Batismo 6\$000, Confirmação 6\$000, Casamento 15\$000, Enterro 5\$000. Tocar dos sinos: conforme desejo, os sinos começarão a tocar quando o cortejo fúnebre se encontrar à ponte "Vidal Ramos" ou no cruzamento das ruas Itajaí e Blumenau (hoje entroncamento das ruas Felipe Schmidt e Barão do Rio Branco). O emolumento permanece nos 5\$000.

A reunião do Conselho, em 28 de outubro de 1932, decidiu que a partir de 1.º de janeiro de 1933, ao requerer junto ao tesoureiro qualquer ofício religioso, o membro da comunidade deverá apresentar sua quitação com as contribuições.

### 5. Batismo.

Diante dos conselheiros reunidos a 17 de junho de 1928, o sr. Pastor exortou a necessidade das crianças terem menos de 4 meses de idade ao serem levadas para o Batismo. Pediu-se a colaboração dos presentes para a consagração desta tradição.

### 6. Casamentos Mistos.

A diretoria decidiu em 14 de fevereiro de 1929:

- I) Os evangélicos, unidos pelo casamento com pessoas de outras confissões, serão alertados para pagarem até 1.º de maio de 1929, as contribuições em atraso desde o dia do casamento;
- II) No ato do pagamento lhes serão cobradas só a metade das dívidas;
- III) Os homens evangélicos dos casamentos mistos pagarão integralmente e as mulheres evangélicas pagarão somente a metade das contribuições.

### 7. Os não-membros da comunidade.

O Conselho, na reunião de 5 de março de 1922 estipulou em 50\$000 Rs. qualquer ofício religioso aos não-membros.

No dia 16 de dezembro de 1923, o Conselho elevou de . . . . Rs. 50\$000 para 150\$000 Rs. os emolumentos para os não-membros. Entretanto lhes foi dado o prazo até 1.º de março de 1924 para ingressarem na Comunidade. As pessoas que vierem morar em Brusque, e não sendo membros de uma Comunidade Evangélica no Brasil, terão o prazo de 6 meses para se filiarem à nossa comunidade.

Reunida a diretoria no dia 21 de abril de 1932, decidiu que os não-membros que precisarem de algum ofício religioso, precisam antes pagar, para cada ano que aqui morarem, as contribuições atrasadas integralmente bem como os emolumentos estabelecidos.

Os anos começados serão contados como inteiros.

Evangélicos que não morarem em Brusque ou até 40 Km da sede de uma comunidade evangélica, pagarão o triplo dos emolumentos para ofícios religiosos, uma vez que não são membros de comunidade.

#### 8. Conselho da Comunidade.

A reunião do Conselho de 9 de fevereiro de 1930, fixou que até 1/5 dos conselheiros poderiam ser mulheres.

#### 9. Emolumentos para enterros.

No dia 29 de agosto de 1926, o Conselho resolveu não elevar os emolumentos para abertura de covas. Assim continuam os 2\$500 Rs. para covas de crianças, Rs. 4\$000 para adultos e tumbas cimentadas em 10\$000 rs. Para a presença do Pastor na "Casa do Luto" cobram-se 10\$000 rs. Venda de jazigos: um jazigo, localizado fora da linha, custou na época 75\$000 Rs., a partir desta data.

O Sr. Ernesto Ulber, na reunião da diretoria de 21 de maio de 1929, propôs cobrar 15\$000 rs. para tumbas cimentadas, pagando-se ao zelador 11\$000 rs. pelo serviço.

#### 10. Entêrro em Brusque e Culto em Itajaí.

Resolução tomada pela diretoria reunida em 29 de novembro de 1926.

Ocorrendo falecimentos em Brusque, cujos enterros coincidem com Cultos em Itajaí, estes serão adiados se o Pastor não puder officiar ambos, desde que exigida a presença dele no enterro. No primeiro caso, aumentadas as despesas para a viagem a Itajaí se o Pastor estiver impossibilitado de se utilizar do cavalo, os gastos correrão por conta da tesouraria de Brusque.

Em reunião da diretoria de 21 de abril de 1932, resolveu-se modificar a decisão acima. Assim, havendo coincidência de enterros em Brusque e Culto em Itajaí, quanto ao horário, o enterro precisa ser adiado até à volta do Pastor. Neste caso além do emolumento, cobra-se 20\$000 Rs. para as despesas de viagem. Desejada a presença do Pastor para enterros aos sábados, após a partida do Pastor para Itajaí, então deverão ser pagos 50\$000 Rs. no mínimo, como despesas totais de viagem.

#### 11. Dias de festas especiais.

Foram fixados na Assembléia Geral de 19 de fevereiro de 1933, os dias de festas especiais para a Igreja:

- a) Inauguração da igreja - no primeiro domingo de janeiro.
- b) Dia nacional de luto - no domingo Reminiscere.
- c) Bazar da Igreja - no segundo domingo de maio.
- d) Confirmação - último domingo de julho.
- e) Dia da Penitência - no primeiro domingo de setembro.
- f) Dia de Ação de Graças - no segundo domingo de outubro.

## PONTE CORONEL VIDAL RAMOS

Recolhemos do jornal "NOVIDADES", publicado em Itajaí no dia 4 de março de 1906, o seguinte CONVITE.

Nota: Observada a ortografia original).

### SUPERINTENDENCIA MUNICIPAL DE BRUSQUE CONSTRUÇÃO DA PONTE "CORONEL VIDAL RAMOS" CONVITE

Desejando esta Superintendencia franquear, de Janeiro próximo vindouro em diante, o pedagio da ponte recém construída, vê-se embaraçada a executar tão nobre e justa medida emquanto restam, provenientes da construção da dita ponte, compromissos cuja solução e pagamento somente pelas rendas ordinárias do município ainda no corrente e vindouro anno, não lhe é possível.

Appella portanto para o patriotismo da população, cujo interesse esta maximamente empenhado na franquia da passagem, a concorrer desde já voluntariamente com uma quantia, que esteja ao seu alcance e que importe mais ou menos n'aquella importancia, que outr'ora pagava de pedagio no espaço de 6 mezes.

Mostre pois o povo da Brusque seu amor ao progresso do Municipio.

Brusque, 1.º de Novembro de 1905.

(Assignado) Carlos Renaux, Superintendente.

A este convite responderam e pagaram:

1 - Carlos Renaux .....	150\$000
2 - Vicente Schaefer .....	100\$000
3 - João Bauer .....	100\$000
4 - Carl Ristow .....	50\$000
5 - G. Mosimann .....	5\$000
6 - João Luiz Gonzaga .....	5\$000
7 - Henrique Appel .....	10\$000
8 - Carlos Appel Junior .....	10\$000
9 - Viuva I. Schaefer .....	25\$000
10 - José Vicente Haendchen ..	10\$000
11 - Dorval Duarte Silva da Luz	15\$000
12 - Viuva Margarida Sibardi ..	5\$000
13 - Humberto Matioli .....	10\$000
14 - Henrique Hoffmann .....	150\$000
15 - Luiz Albani .....	6\$000
16 - Engenheiro Oscar Castilho .	5\$000
17 - Ed. von Buetner & Cia. ..	50\$000
18 - Carlos Bayer .....	10\$000
19 - Pedro Gracher .....	10\$000

20 - Franz Dirschnabel .....	5\$000
21 - Joaquim Regis .....	20\$000
22 - Guilherme Seemann .....	15\$000
23 - Diogo Duarte Silva da Luz .	5\$000
24 - Gustavo Willrich .....	10\$000
25 - Guilherme Strecker .....	10\$000
26 - Augusto Klappoth .....	30\$000
27 - Justino Francisco Garcia ..	10\$000
28 - José Rudolf .....	10\$000
29 - Jacob Knihs .....	20\$000
31 - José Morelli .....	10\$000
30 - Francisco Otto .....	5\$000
32 - Julius Borck .....	19\$000
33 - Joaquim Corso .....	5\$000
34 - Operarios da fabrica Renaux	180\$000
35 - Vicente Kormann .....	10\$000
	<u>1:090\$000</u>

Gratificou-se ao arrecadante	
sr. Ernesto Bianchini .....	104\$500
	<u>985\$500</u>

que ficaram deduzidos da divida municipal conforme o balancete abaixo.

A todos estes contribuintes, que souberam avaliar a grande vantagem da franquia do transitio outr'ora tão penoso e que ficou levado a effeito desde 1 de Janeiro do corrente anno, a Superintendencia rende por meio desta, eterna gratidão, não podendo deixar de censurar o procedimento dos srs. Max Koehler e Augusto Olinger, que prometteram ao arrecadante uma certa contribuição, mas no acto da cobrança lhe negaram o pagamento.

É digno de nota, que todas as casas comerciais da séde contribuíram para tão util fim, menos a do sr. Guilherme Krieger e sua casa filial, que entretanto, constantemente aproveitam agora a facilima via de comunicação.

Eis o balancete fechado para 28 de Fevereiro do corrente anno.  
 Brusque. 28 de Fevereiro de 1906.  
 Carlos Renaux - Superintendente.

Saldo que a Superintendencia ficou devendo pela construcção da ponte Coronel Vidal Ramos Junior, conforme balancete de 31 de Outubro de 1905 .....

	6:898\$650
RECEITA	
Producto da contribuição voluntaria conforme lista acima .....	985\$500
Producto da venda de 4 linhas de ferro sobresaletas .....	120\$000
Pagamento do municipio no corrente anno pela Verba	
Obras Publicas .....	<u>1:103\$150</u>
	2:200\$650
	<u>4:690\$000</u>

Brusque, em 28 de Fevereiro de 1906  
 Carlos Renaux - Superintendente

**NOTA:** A ponte de ferro "Vidal Ramos" inaugurada festivamente no dia 22-11-1905 que serviu aos brusquenses durante 60 anos, apresentou nos seus primeiros anos aspectos financeiros desagradáveis.

Um respeitável cidadão brusquense, para cobertura parcial dos gastos de construção, emprestou substancial importância. Este empréstimo nunca foi totalmente coberto, permanecendo a questão até hoje. Justifica-se pois, o apelo do Superintendente.



## REMINISCENCIAS — Conclusão

Do jornal "NOVIDADES" - Itajaí - 1907.

### IV

Salubridade e Instrução - Número e procedência da População - Condições Sociais e Econômicas - Sentimento Religioso - O primeiro Padre - Cristiano e Judeu - Os Divertimentos - O Coronel Agostinho Alves Ramos - Trovas Populares.

Concluimos hoje a publicação das reminiscências do Sr. Antônio da Costa Flores, no tocante ao Itajaí pelos anos de 1840 a 1844. Como nas precedentes, o trabalho de redação é nosso. Para poupar espaço a esta folha, omitimos perguntas que fizemos.

"No território que atualmente compreende o município de Itajaí, apesar de existirem muitos brejos, pântanos e inúmeros lugares em que as águas das chuvas, com frequência, se achavam estagnadas, a salubridade era admirável. Não se conheciam maleitas, sozões, febres, influenza e outras moléstias de que hoje tanto se fala. Nas raras vezes que sucedia morrer alguém, quase sempre se tratava de quem já tinha chegado à velhice. Em geral os habitantes apresentavam aspecto sadio. Entre as crianças é que se encontrava uma ou outra amarela, por se dar o vício de comer terra. O cirurgião Luiz Rodrigues Pereira, da Armação, e o cirurgião cunhado do Coronel Agostinho, muito pouco tinham que cuidar de clínica. O Coronel Agostinho tinha purgantes de maná e sene, jalapa, "Leroy" que cedia ou dava a quem os pedia; mas, de ordinário, o que se usava era remédio da capoeira; baga de pinhão, erva de bicho, castanha do mato, erva de S. Simão, etc., a conselho de algum entendido, como Thomé Barbosa, o qual, além dos seus vários préstimos a que já aludi, tinha o de ser curandeiro.

Muito poucas pessoas sabiam ler e escrever. Não existia escola pública. Apenas um alfaiate de nome Francisco Antônio, ensinava a umas 3 ou 4 crianças a ler e escrever.

Não disponho de elementos suficientes para avaliar o número de habitantes que, nos primeiros tempos de minha chegada aqui, havia nos terrenos que hoje fazem parte do nosso município, mas tudo me leva à convicção de que não atingia a 1.000

Desconhecia-se quais tinham sido os primeiros a chegar. Dizia-se que o Governo tinha oferecido, do Itajaí-Açu, a cada soldado dispensado de um batalhão n.º 12, 300 braças de terrenos de frente, e que apenas tres desses soldados aceitaram a oferta, entre os quais um tal de Manoel Pires (no Pocinho), que depois as vendeu ao Major Henrique Flores.

Parece que, a princípio, o que mais concorreu para atrair povoadores para as margens do Itajaí-Açu e Itajaí-Mirim foi, além da abundância de terrenos férteis inexplorados e contendo muita madeira própria para construção de embarcações, a facilidade de comunicação por esses rios e de conserto e construções de embarcações perto da foz do Itajaí-Açu.

Havia habitantes originários de diversas ex-províncias, mas o maior número provinha de Desterro e de lugares que lhe ficam próximos, na ilha e no continente, de Tijucas, Porto Belo e Camboriu. Muitos eram bem antigos aqui, como Antonio Dias de Arzão, José Coelho da Rocha, João da Silva Mafra, Coronel Agostinho Alves Ramos, João Gonçalves da Silva, etc. (1)

Aproveito o ensejo para corrigir um engano em que incorri, quando disse que o nome do mineiro que levava garrafinhas de ouro a um governador de nome Tovar, no Desterro, era Dias da Costa. Esse mineiro chamava-se Mathias Dias de Arzão e teve aqui numerosa família; era paulista e pai de Arzão, o Juiz de Paz a que já me referi: contava-se que tinha sido dele toda a porção de terrenos que faz frente ao Itajaí-Açu e Itajaí-Mirim, desde as imediações do caminho que, da estrada da Barra do Rio, entra para a Coloninha, até ao ponto em que agora tem venda Vicente Meirinho da Costa.

Não havia, por aqui, estrangeiros, a não ser alguns portugueses e poucos negros africanos.

As principais ocupações dos habitantes eram a lavoura, a pesca e a caça. Plantava-se mandioca, aipim, milho, feijão, cana, batata (não a inglesa), arroz, enfim, quase tudo que hoje se planta, mas em muito menor escala. O que agora se planta muito menos é o algodoeiro. Fazia-se bastante farinha de mandioca, açúcar e aguardente.

Quase não havia casa em que, pelo menos, o respectivo chefe não possuísse canoa e espingarda. Nunca faltava peixe. Pescavam-se em grande abundância guaiviras, que eram então muito maiores, bagres, tainhas, robalos etc. e mesmo na boca da barra se encontrava cassão.

Algumas pessoas viviam de caça, mas ela constituía mais um divertimento do que propriamente uma ocupação. Havia muito porco do mato, anta, veado, tatu, paca, cotia, jacuguaçu, papagaio, pomba etc. Os caçadores, muitas vezes, chegavam a encher de caça canoas. Meu mestre José Machado Vieira, quase todos os dias comia carne de caça.

Não se importava charque. De uma feita, o Manoel Navalha trouxe do Desterro algum de muito boa qualidade; não o pode vender todo e o que vendeu foi a muito custo e em porções de libra e meia libra.

Quase nada se exportava. O Coronel Agostinho é que mandava, de vez em quando, pranchões de cedro para Desterro, em seu iate Sete de Abril, ou para o Rio de Janeiro por lá, ou por algum navio que, a pedido dele, vinha aqui.

O comércio era insignificante e diminuta a quantidade de dinheiro que circulava. Usava-se muito a permuta de serviços ou de produtos entre os moradores.

Os escravos constituíam a propriedade mais útil e, proporcionalmente, de maior valor; mas poucas pessoas os possuíam.

Quase toda a gente, máxime em casa ou na roça, vestia roupa feita de riscado da terra. Em geral os homens andavam em manga de camisa. Muitas mulheres assistiam os atos religiosos com saias dessa fazenda. Quem queria qualquer outra fazenda, mandava comprá-la em Desterro, porque aqui não havia loja.

Muitos homens, principalmente os que moravam distante da povoação, traziam sempre consigo facão e arma de fogo.

Fato que muito depõe em favor da índole dos habitantes: a pouca frequência de crimes, apesar da facilidade com que eles podiam ser cometidos e ficar impunes.

A maior parte dos conflitos que havia, tinham por origem a preocupação que nutriam alguns indivíduos de serem considerados valentes, as disputas em corridas de cavalo, e, sobretudo, o abuso da aguardente.

O fervor religioso não era grande, tanto que, apesar de ter sido doado, havia muitos anos, o terreno em que estão hoje a igreja e a praça Matriz, para construção de uma capela, ainda não estava construída, ao passo que a Penha possuía uma igreja regular. (2)

Durante muitos anos os padres celebraram missa em oratório particular, na casa em que residiam. Lembro-me que o Padre Francisco Fernandes, que era espanhol e tinha vindo de Porto Belo, fez construir uma casa no lugar em que hoje tem negócio e moradia Oliveiro Vieira de Souza, e nessa casa celebrava missa, tendo também mandado fazer os alicerces que ainda agora se vêem em frente a esse lugar.

Dizia-se que o primeiro pároco que houve aqui foi um frade franciscano de nome Pedro Agote. (3)

Não se cogitava de política. Mais tarde é que José Mendes da Costa Rodrigues, parente do cirurgião Luiz, da Armação, andou tratando disso e se começou a falar em partidos judeu (liberal) e cristão (conservador).

Os divertimentos consistiam em fandango, sarrabalho de jogos de cartas e corridas de cavalos, que a princípio se realizaram por onde está o meio da rua Dr. Lauro Müller e depois na praia próxima, até a Fazenda.

De vez em quando vinha de Barra Velha tocar viola, cantar e dançar por aqui um tal Martinho Cardoso. Vou ditar alguns versos que então se cantavam.

Termino cumprindo o grato dever de dar mais informações acerca do Coronel Agostinho Alves Ramos, justamente considerado o primeiro homem do Itajaí. Era carioca e viera, havia muito anos, casado com uma senhora portuguesa. Não tinha filhos. Sabia muito bem ler e escrever e se mostrava bastante instruído. Tudo o que aqui se fazia tendo em vista adiantamento ou bem estar geral, era por iniciativa ou com o auxílio dele. Quase toda a gente se aconselhava com ele. Dava atenção a quem quer que o procurasse, por mais humilde que fosse. Quando havia necessidade de fazer alguma comunicação ou pedir alguma providência a autoridade ou pessoas de influência em Desterro, ele é que se encarregava disso. Em Desterro, Rio de Janeiro e outras partes, quem queria alguma coisa de Itajaí, a ele é que se dirigia. Parece-me que nunca exerceu cargo de eleição popular ou de nomeação do governo, a não ser o de oficial da guarda nacional. Tinha olaria e lavoura no lugar que já indiquei. Figurava como negociante matriculado, mas quando o conheci o seu negócio quase se limitava à exportação de pranchões de cedro. A esposa morreu em 1850; ele em setembro de 1853. Tendo tido um ataque parecido com o que sofrera havia anos, ficou sem sentidos; veio de Porto Belo um cirurgião belga de nome Pedro Jamar Pleitink, foi sangrado, perdendo mais de uma bacia de sangue, e morreu umas duas horas depois da sangria, a 16 desse mes e ano. Assisti a tudo isso porque, sendo eu casado com uma afilhada dele, costumava-lhe frequentar a casa. Além disto, como Guarda Nacional que eu era, tive de velar o corpo. Correu com insistência que deixou dinheiro e que, se não apareceu foi porque o surrupiaram.

Das quadras que o Sr. Antônio Flores nos ditou, inserimos as seguintes:

Quem havia de dizer,  
Quem havia de cuidar,  
Que esse Martinho Cardoso  
Aqui viesse dançar.

Se os anjos do céu soubessem  
o FELIZ (\*) que gosto tem,  
Desciam dos céus à terra,  
dançar FELIZ também.

O amor da mulatinha  
É uma pomba ferida,  
No ar derrama seu sangue,  
Cai no chão, acaba a vida.



Uma senhora me disse,  
Outra me mandou dizer,  
Que eu não andasse de noite,  
Que me queriam prender.

Não tenho medo da morte,  
Porque sei que hei de morrer,  
Tenho medo de traição  
Que me poderão fazer.

Mandei dizer à morte,  
Que me viesse buscar,  
Como ela está tardando,  
Vou morrer de vagar.

Quero abrir o meu peito,  
Mas me falta um canivete.  
Quero meter dentro d'alma,  
Quem dentro d'alma me mete.

Dizei-me onde morais,  
Onde é vossa freguesia,  
Que vos quero visitar,  
De cada semana um dia.

Quando não te conhecia,  
Nada de ti se me dava,  
Sem pensamentos dormia,  
Sem cuidados acordava.

Quatro com cinco são nove,  
Para doze faltam tres,  
Se te faltei algum dia,  
Aqui me tens outra vez.

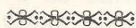
Graças a Deus avistei  
O que avistar não podia,  
O claro sol desta terra,  
que vem dar a luz ao dia.

Dentro do meu peito tenho  
Um Senhor crucificado,  
Quem tiver raiva de mim,  
Morrerá excomungado.

Nasci forro, sou cativo,  
Dá-se caso semelhante!  
Sou forro na liberdade,  
Cativo por ser amante.

Se eu soubesse que te amando,  
Pena te havia causar,  
Nem brincando te amaria,  
Para não te ver penar.

Dormindo, estava sonhando,  
Que me morria meu bem.  
Acordei pedindo à morte,  
Que me levasse também.



(\*) - Era uma dança, o "FELIZ".

(1) - Ana Maria da Conceição, portuguesa, viuva, moradora em Cannasvieiras, veio de lá com duas filhas e um filho de nome Victorino Gonçalves da Silva, refugiar-se no lugar que hoje se chama Cordeiros, em um terreno que lhe deu o governo, no tempo em que muita gente se mudou com receio dos castelhanos, que se apossaram do Desterro.

João Gonçalves da Silva, que era filho desse Victorino, nasceu aqui em 1801, sentou praça, recrutado em 1819, foi soldado (tendo estado em diversas das ex-províncias do Brasil, tomando na Bahia parte na guerra do Madeira), até 25 de junho de 1831, dia em que obteve baixa.

Devemos estas informações ao Sr. Nicolau Diniz Marques da Silva, que nos mostrou a aludida baixa.

(2) - Como documento curioso e revelador do tempo em que foi feito, damos em seguida a escritura particular de doação, exatamente como se lê no original que se acha no arquivo da nossa Igreja Matriz:

"Dizemos nós abaixo assinados com uma cruz que é o sinal de que usamos José Coelho da Rocha e minha mulher Maria Coelho da Rocha que somos senhores e possuidores de trinta (30) braças de terra de frente com sessenta (60) braças de fundos sitas neste Rio de Itajaí-Grande no lugar chamado Estaleiro cujas terras fazem a Leste no dito Rio as frentes os fundos ao Oeste com terras de Agostinho Alves Ramos e pelo norte ainda com terras de nossa propriedade cujas terras assim confrontadas. Fazemos a doação no valor de trinta mil réis ao Santíssimo Sacramento para nelas ser feita sua Capela e um cemitério com condição de se nos dar sepultura e fazer nosso Bem d'Alma cuja a doação fazemos por muita nossa livre vontade e sem constrangimento de pessoa alguma.

E pedimos o Sr. Bento José da Costa que este por nós fizesse. Assinado como testemunha e nos assinamos com o nosso sinal que é uma cruz.

Rio de Itajaí, 2 de abril de 1824.

José Coelho + da Rocha

Maria Coelho + da Rocha.

Como testemunha que este fiz por me ser pedido pelos ditos senhores. Bento José da Costa.

Como testemunha que neste vi fazer.

Germano José da Silva".

Fica-se, assim, sabendo que na época de que se trata, o lugar em que hoje se acha a nossa Matriz se chamava Estaleiro e que aí já se tinha realizado a construção de alguma embarcação.

(3) - No arquivo de nossa Igreja Matriz se encontra uma Provisão assinada pelo Bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coutinho; é datada do Rio de Janeiro em 31 de março de 1824, nomeando o "Padre Frei Pedro Antônio de Agote, religioso franciscano, capelão curado no distrito de Itajaí, que compreendia todos os moradores entre o rio Gravatá do Norte e Rio Camboriu do Sul, concedendo-lhe a faculdade de benzer os cemitérios e a mesma capela do Santíssimo Sacramento, logo que estiver em termos de se celebrar nela o sacrifício da missa, autorizando a celebrar em oratório particular que lhe parece decente".



**DOCUMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO BARÃO MAXIMILIANO DE SCHNEEBURG REFERENTES A SETEMBRO DE 1865.**

(Respeitada a ortografia original).

**Directoria da Colonia Brusque Itajahy, em 4 de Setembro, de 1865.**

Illmo. e Exmo. Snr.

Em virtude do Officio de V.<sup>a</sup> Excía. datado de 17 de Agosto de 1865, que sómente em 1 de Setembro me chegou às mãos, levo respeitosamente á sciencia de V.<sup>a</sup> Excía. que a quantia de tresentos oitenta e seis mil e cem reis (386\$100) sobre a qual V.<sup>a</sup> Excía. me ordenou dar informações, foi por mim sómente requerida á Presidencia em 8 de Junho deste anno, para poder realisar differentes trabalhos e serviços necessarios e suas despezas sem verbas. O Exmo. Snr. 1.<sup>o</sup> Vice Presidente, cuja resposta devolvo aqui junto em cópia e a vista do qual suspendi estes respectivos trabalhos e serviços até a deliberação do Imperial Governo, submetto essa parte do meu requerimento pelo mesmo Exmo. Snr. favoravelmente motivado á deliberação do Ministerio d'Agricultura e como até hoje ainda não tenho recebido nem a quantia pedida, nem resposta negativa, as ditas obras, ser . . . . . e suas despezas estão ainda a fazer-se, não são feitos nem pagos.

Deos Guarde á V.<sup>a</sup> Excía.

Illmo. e Exmo. Snr.

Dr. Adolfo Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda  
Digmo. Presidente da Provincia de Santa Catharina

O director da Colonia  
Barão de Schnéeburg

## Directoria da Colonia Itajahy - Brusque, aos 10 de Setembro, de 1865

Illmo. Snr. Sub Delegado de Policia da Vila e Termo de Itajahy.

Hontem, sabbado 9 de Setembro, pelas 10 horas da manhã pouco mais ou menos, vierão uns vinte e tantos Colonos, armados de cacetes á Sede da Colonia e exigirão de mim mui bruscamente na rua em frente da casa da Directoria, pagamento de serviços que fizerão nas estradas no Interior da Colonia.

Declarando eu que não lhes podia fazer este pagamento por, segundo a declaração do agrimensor encarregado da construcção dos caminhos de não serem feitos e promptos pela maneira ajustada e prescripta, enfurecerão-se, ultrajarão a mim e meus empregados, e batendo com seus cacetes no chão, ameaçarão de assaltar a casa da Directoria, pôr mão em mim Director da Colonia e obrigar-me por força a prestar o supramencionado pagamento. Sómente a firmeza com que declarei não poder pagar caminhos imperfectos, e a presença do Inspector do Quarteirão Germano Thieme, impedirão os turbulentos de effectuar suas ameaças e alcançarão que depois de tres horas cessou o tumulto.

Requero á V.<sup>a</sup> Exa. por isso que se digne processar ex officio os cabeças d'este tumulto que são os Colonos:

Fabian Becker  
Luiz Schirrmann  
Joseph Schlosser  
Benjamin Wippel  
Joseph Horn  
Johan Brandt.

Testemunhas de vista são:

Germano Thieme, inspector de Quarteirão,  
Heinrich Sandrezsky, pastor evangelico,  
Eugenio Rieger, cidadão Brasileiro,  
Paul von Ploennies.  
Deos Guarde á V. Exa.

Está conforme.

O Director da Colonia Itajahy-Brusque

Barão de Schnéeburg.

## Colônia Itajahy - Brusque

Lista nominal dos Voluntários da Pátria da Colônia Itajahy-Brusque, das quantias que determinarão deixar mensalmente á seus familias, dos seus vencimentos a deduzir, quantias que com suas assignaturas authenticas nesta Lista declarão, e que devem ser regularmente enviadas ao Director da Colônia por cujo intermedio a vista de competentes recibos devem ser entregues em mano propria as familias respectivas.

N.º NOMES	Quantias que deixão as suas familias	Assignaturas dos Volunt. da Pátria
1 Roberto Schmidt	seis mil reis. R\$ 6\$000	
2 Augusto Peters	seis mil reis. R\$ 6\$000	
3 Frederics Moritz	a seu irmão João Moritz a quantia de quatro mil reis. R\$ 4\$000	
4 Vallentim Scheefer	seis mil reis. R\$ 6\$000	
5 Eduardo Becker		
6 José Schorck	seis mil reis. R\$ 6\$000	
7 João Schwanberger		
8 Emil Puhlmann		
9 João José Hermes	ao sr. Pedro Jacó Heil a quantia de quatro mil reis. R\$ 4\$000	
10 Augusto Janzen		
11 Ricardo Volbrath		
12 José Ochíhafer	seis mil reis. R\$ 6\$000	
13 Ant.º Dinckelborg	sete mil reis. R\$ 7\$000	
14 Germano Glockenkamp	sete mil reis. R\$ 7\$000	
15 Simão Habitzreuther	a seu pai José Habitzreuther a quantia de quatro mil reis. R\$ 4\$000	
16 Eduardo Backmann	a seu pai Franco. Backmann a quantia de seis mil reis. R\$ 6\$000	
17 Guilherme Ostrenger	seis mil reis. R\$ 6\$000	
18 Jorge Grün		
19 Vicente Tonitz (Barth)	a seu pai Miguel Barth a quantia de cinco mil reis. R\$ 5\$000	
20 José Schlindwein	cinco mil reis. R\$ 5\$000	
21 João Zabel	seis mil reis. R\$ 6\$000	
22 Cosmo Vogel		
23 Franco. Ant.º Day	a seu pai Damião Dai a quantia de cinco mil reis. R\$ 5\$000	

16 Voluntarios deixão conforme esta lista R\$89\$000 á suas familias por mez.

Barão de Schnéeburg  
Director da Colonia

Guido von Sekendorf  
Tenente dos  
Voluntários Alemães



**Directoria da Colonia Itajahy - Brusque, em 13 de Setembro, de 1865**

Illmo. e Exmo. Snr.

Tenho a honra de demonstrar respeitosamente á V.<sup>a</sup> Exa. pela Lista e tabela inclusas, que a quantia que recebi da Thezouraria da Provincia como parte integrante do Orçamento para a **Verba Subsídios e mais despesas com Colonos**, correspondente ao 1.<sup>o</sup> Trimestre de Julho á Setembro do presente Exercício de 1865 a 1866, não é sufficiente, para que eu possa trazer o dito pagamento devido de Subsídios, no mesmo trimestre.

Como V.<sup>a</sup> Exa. reconhecerá por estes documentos, tenho de pagar no Trimestre de Julho a Setembro corrente Subsídios na importancia de

	R\$ 2:386.350
e tendo eu recebido conforme o Orçamento Ministerial	600\$000
somente faltão-me para effectuar o dito pagamento	R\$ 1.786\$350

Supplifico pois á V.<sup>a</sup> Exa.: que Se Digne mandar consignar na Thezouraria da Provincia á meu Procurador bastante Fernando Hackradt em Desterro esta quantia de R\$ 1:786\$350 como supplemento da dita Verba para o Trimestre de Julho a Setembro do corrente anno.

Não há mais de duvidar, pelos acontecimentos, que referi em Officio datado de 10 de Setembro corrente, que em copia no presente Officio á V.<sup>a</sup> Exa. incluo, por mim dirigido na mesma data ao Sub-Delegado de Policia da Villa e Termo do Itajahy, que os Colonos que tem de receber Subsídios conforme os seus contractos celebrados com elles pelos agentes do Governo Imperial em Antuerpia, e pela tabella do Governo emanada, serão dispostos a exigir (no seu direito), porém com novos insinnados, (aos quaes propendem) esse pagamento.

E não podendo eu prestal-o por falta do supplemento, que já requeri no mez de Agosto, e que provavelmente por negligencia de particulares, que de vez em quando me fizerão o favor de levar da Colonia, ao Correio da Villa d'Itajahy e vice versa (por falta de um estafetta regular, pago sem verba) os Officios, não chegasse aos mãos da Exma. Presidencia, estes mesmos Colonos immitarão o escandaloso exemplo, acontecido no dia 9 de Setembro, contra o qual reclamo ex officio.

E para cortar a grave immoralidade e as funestas consequencias de semelhantes turbulencias e sublevações, até agora impunes, principalmente como acompanha á estes Colonos a subsidiar o favor de seus contractos: se bem que não são gente de máo indole, más faciles a seduzir por espiritos sediciosos que não faltão n' ésta Colonia.

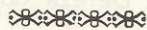
Peço por isto e torno a supplicar respeitosaente a V.<sup>a</sup> Exa., que Se Digne mandar ao mais breve possivel consignar essa quantia Supple-mentar de R\$ 1:786\$350 da Subsídios pelo Trimestre de Julho á Setembro de 1865 na Thezouraria á meu Procurador bastante o Snr. Fernando Hackradt em Desterro para esse fim.

Deos Guarde á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>

Illmo. e Exmo. Snr. Dr. Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda.

Dmo. Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia  
Barão de Schnéeburg.



### Directoria da Colonia Itajahy - Brusque, aos 15 de Setembro de 1865

Illmo. e Exmo. Snr.

Pela lista demonstrativa inclusa dos colonos que tem de receber ainda subsidios no trimestre de Outubro a Dezembro a qual aqui allego, reconhecerá V.<sup>a</sup> Excia. que as despezas a fazer com esta verba no trimestre de Outubro a Dezembro de 1865 montão em ..... R\$ 1:296\$200, e que só tenho de receber para esse 2.<sup>o</sup> trimestre .... R\$ 600\$000.  
logo faltão para eu poder effectuar o pagamento devido a quantia de ..... R\$ 696\$200.

Peço por isto com instancia á V.<sup>a</sup> Excia. pela justiça e pelos motivos expostos no meu officio de 13 de Setembro Se Digne de mandar consignar-me na Thezouraria á meu procurador Fernando Hackradt em Desterro além de ..... R\$ 5:583\$000 que é a quarta parte do orçamento annual e geral pertencente ao 2.<sup>o</sup> trimestre do presente exercicio tambem o importe supra de R\$ 696\$200 supplementares da verba "subsídios".

Deos Guardes á V.<sup>a</sup> Exa.

Illmo. e Exmo. Snr.

Dr. Adolpho Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

Digno. Presidente da Provincia de Sta. Catharina

Desterro

O Director da Colonia Itajahy Brusque  
Barão de Schnéeburg

## Colonia Itajahy em 24 de Setembro de 1865

Illmo. e Exmo. Snr.

Accuso a recepção do Officio, que V.<sup>a</sup> Exa. me fez a honra de dirigir-me confidencialmente do Gabinete da Presidencia com data de 5 de Setembro corrente, o qual só recebi no dia 18 do mesmo mez.

Grato á todos os beneficios, e benevolencias, que sempre me forão prodigalisados pelo Imperial Governo e pela hospitaleira Nação do Imperio do Brazil, minha Patria adoptiva a 40 annos, continuo com toda diligencia e de todo o coração a cooperar e a promover a apresentação de Voluntarios desta Colonia, naturalizados ou não, como briosos defensores do Brasil sua nova e generosa Patria e da alta Soberania do Augusto Imperador, contra os bandos atrozes do inimigo que invadio o territorio Brasileiro, o devasta e massacra os habitantes com inauditas barbaridades, insultando a honra attentando á integridade do Imperio.

Acompanha-me o pezar dos meus 65 annos de idade, sem os quaes eu seria o primeiro de correr á Defeza do Brazil.

Apresentarã-se resolvidos e dispostos para pegar as armas n'esta Sagrada Guerra como Voluntarios

O Colono Guido de Seckendorff, 35 annos de idade casado e pai de familia; militou em Austria na Cavallaria e em Schleswig Holstein como Official de Infantaria.

O Doctor Alexandre Ruffener, actual e erudito medico da Colonia, 36 annos de idade, casado, pai de familia, estando sua mulher e filhos ainda na Suissa.

O Colono Eugenio Rieger — 33 annos de idade, casado, pai de familia, — militou na Prussia na divisão pyroténica d'Artilharia e no Brazil como Official instructor da Theoria e Exercício das armas de agulhas fulminantes no 1.<sup>o</sup> Batalhão de Fuzileiros na Corte em 1853.

Tomo respeitosamente a liberdade de expor á V.<sup>a</sup> Exa. com toda devida franqueza fundada em pronunciadas declarações de varios, que de bom grado se alistarião como Voluntarios, se o Governo Imperial (elles são pobres) lhes mandasse pagar a Gratificação de R\$ 300\$000 prometti a cada um, ou a metade no momento em que se alistão, e de que os casados possão deixar algum dinheiro á suas familias para arranjos domesticos durante as suas ausencias e os solteiros para que possão em parte remediar a seus pais a falta que por suas ausencias necessariamente mais ou menos se deriva. — Assim animados se apresentarão com tranquillidade e sem receios para suas familias ou pais em numero consideravel e com energia, para o nobre serviço de defensores voluntarios de sua nova Patria.



Os primeiros que mencionei á V.<sup>a</sup> Exa. no presente officio serem bem dispostos para o Serviço voluntario tem habilitações a serem nomeados Officiaes.

Peço á V.<sup>a</sup> Exa. para o bem do prompto alistamento de Voluntarios, de mandar especificar com a mais veoz e determinante resposta: quaes são as garantias que o Imperial Governo concede á estes Voluntarios, por isto que os Decretos Imperiaes emanados á favor dos Nacionaes Voluntarios da Patria, de que tãobem os não naturalizados gozarão igualmente, afixados nos lugares mais Publicos da Colonia, forão destruidos pelas chuvas e não existem mais.

Os mencionados e muitos outros bem resolvidos a prestarem Serviços voluntarios pergunte e querem saber:

“Se as Companhias a formar pelos Colonos serão como esperão exclusivamente compostas por individuos e Officialidades allemães.

“Qual é o vencimento completo mensal de cada Official conforme a sua graduação.

“Se os Officiaes e medicos recebem a mesma gratificação de R\$ 300\$000, ou mais.

Qual é o prét, etapes e mais achegos de cada Soldado Voluntario por dia.

“Se os alejados nesta Guerra por feridas, recebem pensão e qual.

“Se as viudas daquelles que ficaram mortos percebem pensão e qual.

Os dispostos para se prestarem como Voluntarios, requerem que o Imperial Governo lhes mande pagar a gratificação promettida de ..... R\$ 300\$000 ou parte d'ella e quanto na occasião de prestarem o juramento a Bandeira, a qual quantia por equidade pedem não ser inferior, a qual-quer concessão que o Governo se dignar a pagar a Colonos de qualquer outra Colonia do Estado neste sentido.

Peço á V.<sup>a</sup> Exa. , que me mande fornecer os meios para poder fazer as despezas como me authorisou os Voluntarios na sua viagem daqui a Desterro prestarão o juramento a Bandeira.

Peço finalmente Ordens precisas de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, quanto por dia eu posso pagar (como V.<sup>a</sup> Exa. me authorisou) desde o dia em que se apresentem os Voluntarios nesta Diretoria da Colonia de seus soldos, e de mandar-me os meios para isto.

E quanto tenho com o mais alto respeito de levar ao conhecimento de V.<sup>a</sup> Exa., e sou persuadido que só e principalmente pelo pagamento adiantado de uma parte da gratificação promettida se apresentara prontamente um bom numero de Voluntarios.

Deos Guarde á V.<sup>a</sup> Exa.

Illmo. e Exmo. Snr. Dr. Adolfo de Barros Cavalcanti de

Albuquerque Lacerda

Dmo. Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia Itajahy-Brusque

Barão de Schnéeburg

Illmo. Exmo. Snr. Presidente

Apresentou-se á mim Manoel Monteiro Soldado do Batalhão do Deposito, hoje as 3 horas da tarde como desertor, pedindo ser enviado á V.<sup>a</sup> Excia.; como não sou autohorizado para isto, mandei lo á Villa Itajahy, mas a pedido do dito homem, dou parte á V.<sup>a</sup> Exa. com mais vontade ainda, como sei, que no lugar aonde elle se encondeo, ninguem hia buscal-o, quando não se apresentasse com boa vontade e livremente, mais ainda porque ninguem sabia que lá existia um desertor. O homem não precisou de ..... que seja pegado, pois conheço estas matas todas andou aqui já antes tres annos.

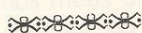
Deos Guarde V.<sup>a</sup> Exa.

Illmo. Snr. Dr. Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

Dmo. Presidente desta Provincia

Col. Itajahy-Mirim Brusque em 28 de Setembro de 1865.

Germano Augusto Thieme.



### Directoria da Colonia Itajahy - Brusque em 30 de Setembro de 1865

Illmo. e Exmo. Snr.

..... Foi me apresentado pelo Colono Guilherme Kannengieser d'esta Colonia o requerimento incluso, em que pede á V.<sup>a</sup> Exa. o abono em natura/ :não em dinheiro/ : de um alambique e de uma caldeira pelos motivos que allega no seu requerimento.

Existe de facto a plantação declarada no seu requerimento.

Não tem meios em si para fazer o dispendido, com o que pede.

Imprevistas contrariedades fizerão, que não pode dar per si fabricar as suas plantas quasi maduras e que a falta de meios o impossibilitou de aproveitar a assás consideravel colheita, sem o abono pedido e sem o qual o seu suor seria perdido não podendo prosperar.

É quanto tenho de informar á respeito á V.<sup>a</sup> Exa.

Deos Guarde V.<sup>a</sup> Exa.

Illmo. e Exmo. Snr.

Dr. Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

Digmo. Presidente da Provincia de Sta. Catharina

Desterro.

O Director da Colonia Itajahy-Brusque  
Barão de Schnéeburg.

Número 34 — Ano IX

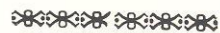
Tiragem de 500 exemplares.

PATROCÍNIO :

**LIVRARIA E PAPELARIA  
GRAF LTDA.**

**E**

**SOCIEDADE AMIGOS DE  
BRUSQUE.**



**LIVRARIA E PAPELARIA GRAF LTDA.**

Av. Consul Carlos Renaux, 103/105 - Caixa Postal, 26

Telefone: 55-1079

88350 — BRUSQUE — SANTA CATARINA

LIVRARIA — PAPELARIA — MATERIAL  
PARA ESCRITÓRIOS E ESCOLAS

